

## Repositório ISCTE-IUL

---

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-09-05

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Carvalho, C. (2005). Antropologia da Guiné-Bissau. In Fernando Cristóvão (Ed.), *Dicionário temático da lusofonia*. Lisboa: Texto Editores.

Further information on publisher's website:

<https://bibliotecacomum.pt/catalogo/Author/Home?author=Crist%C3%B3v%C3%A3o%2C+Fernando+Alves%2C+1929-+%2C>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Carvalho, C. (2005). Antropologia da Guiné-Bissau. In Fernando Cristóvão (Ed.), *Dicionário temático da lusofonia*. Lisboa: Texto Editores.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

---

### Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

---

**Dicionário Temático da Lusofonia****Verbetes:** Antropologia da Guiné-Bissau**Autor:** Clara Carvalho (Dep. de Antropologia do ISCTE e CEAS)

e-mail: clara.carvalho@iscte.pt

O desenvolvimento da Antropologia na Guiné-Bissau está ligado ao trabalho do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas) e anteriormente, no período colonial, aos estudos realizados pelo Centro de Estudos da Guiné Portuguesa. Ambas as instituições, embora com objectivos e em condições históricas e políticas diferentes, contribuíram de forma decisiva para o conhecimento da realidade sociológica guineense. País de reduzidas dimensões, tanto geográficas como populacionais, a Guiné-Bissau caracteriza-se pela sua diversidade étnica, resultado de numerosos movimentos populacionais ocorridos ao longo da história. A expansão mandé, iniciada no século XIII, conduziu no século XV à formação do império do Kaabu que dominava toda a zona oriental do território guineense, empurrando para as zonas costeiras numerosas populações que encontraram refúgio no seu litoral recortado, onde se praticava a rizicultura alagada que permitia a subsistência de grupos de elevada densidade demográfica. No século XIX a *jihad* empreendida pelos fula islamizados do maciço do Futa-Djalón conduziu à queda do império do Kaabu e deu início a um novo movimento de expansão islâmica. Por outro lado, nos núcleos urbanos do litoral formou-se uma sociedade crioula que se expandiu ao longo do século XX, primeiro com a administração colonial e depois com o estado independente. Consequência directa destes diferentes movimentos populacionais, a Guiné-Bissau apresenta-se actualmente como um *mosaico de etnias*, no qual se incluem a sociedade crioula de expressão urbana, os grupos islamizados fula e mandinga do interior, e as sociedades rurais da zona litoral, muitas das quais em vias de islamização: os felupe (um subgrupo dos djola) a norte, seguidos dos manjaco, mancanha e pepel que

são maioritários na região costeira delimitada pelos rios Cacheu e Geba, pelos balanta no interior, os beafada e os nalu na zona costeira a sul e os bijagós no arquipélago com o mesmo nome. Esta diversidade étnica corresponde às classificações estabelecidas pelas descrições etnográficas sobre a região e esconde as semelhanças de populações unidas por laços políticos, comerciais, rituais e linguísticos como os pepel, mancanha e manjaco que falam variantes dialectais da língua *manjak*. As descrições etnográficas sobre estas diferentes populações surgem na Europa a partir do século XV, integradas no *corpus* de textos conhecidos como *Literatura de Viagens*, no qual se destacam as obras dos caboverdianos André Álvares de Almada e André Donelha no século XVI e XVII, do comerciante Francisco de Lemos Coelho e do missionário André de Faro no século XVII, que continuam a ser utilizados como uma importante fonte para a história das populações autóctones. Apesar deste longo contacto comercial, do estabelecimento de feitorias e das tentativas de controlo da zona costeira, sempre refutadas pelas populações locais, a ocupação efectiva do território só é empreendida em pleno século XX através das campanhas de “pacificação” conduzidas pelo exército português entre 1913 e 1936 que submeteram as populações rurais à nova autoridade. Neste primeiro período de colonização efectiva a produção etnográfica sobre a Guiné foi quase inexistente, exceptuando-se a obra de Hugo Bernatzik sobre os Bijagós, *Geheimnisvolle Inseln Tropen-Afrikas: Frauenstaat und Mutterrecht der Bidyogo*, de 1933, e os inquéritos de natureza etnográfica realizados em 1918, 1927 e 1934 com a finalidade de elaborar o código de justiça indígena. Embora estes inquéritos correspondessem a um interesse em conhecer de forma sistemática a organização social das populações locais, acompanhando a imposição da ordem colonial portuguesa, as respostas obtidas foram em número extremamente reduzido e nunca chegaram a ser objecto de estudo.

Apenas depois da 2ª Guerra Mundial a Guiné vai conhecer uma verdadeira política de colonização, que compreende um projecto de “colonização científica”, nas palavras de Marcelo Caetano, na época Ministro das Colónias, no qual se insere a criação do Centro

de Estudos da Guiné Portuguesa, em 1945, onde foram realizados os primeiros estudos etnográficos sistemáticos sobre as populações locais. Esta instituição organizou a Segunda Conferência dos Africanistas Ocidentais, realizada em Bissau em 1947, colaborou com diversas sociedades científicas, entre as quais se destaca o IFAN (Institut Fondamental de l'Afrique Noire) em Dakar e publicou diversas etnografias locais, realizadas pelos administradores coloniais. As primeiras foram editadas na sequência do *Inquérito Etnográfico*, realizado em 1945 sob a égide de Avelino Teixeira da Mota, oficial da Marinha, etnógrafo e historiador a quem se devem alguns dos principais estudos sobre a zona e o principal impulsionador das actividades do Centro. De todos os inquéritos até então realizados somente este foi sequente e muitos dos seus dados são ainda considerados uma fonte da etnografia local. As primeiras monografias publicadas consistem de um desenvolvimento das respostas aos diversos itens que constituíam esse inquérito. Entre 1947 e 1972 o Centro publicou um total de 24 monografias, entre as quais 11 etnografias: de António Carreira, as obras *Vida Social dos Manjacos*, *Mandingas da Guiné Portuguesa*, *Subsídios para o Estudo da Língua Manjaca* (com Basso Marques), e *Mutilações Corporais e Pinturas Cutâneas Rituais dos Negros da Guiné Portuguesa*; de Augusto Santos Lima, *Organização Económica e Social dos Bijagós*; de José Mendes Moreira, *Fulas do Gabú*; de Velez Carçoço, a recolha de tradição oral *Monjur - o Gabú e a sua História*; de Artur Augusto da Silva, *Usos e Costumes Jurídicos dos Fulas da Guiné Portuguesa* e *Usos e Costumes Jurídicos dos Mandingas*; e de Artur Meireles, *Mutilações Étnicas dos Manjacos*, para além da obra coletiva *A Habitação Indígena da Guiné Portuguesa*. O Centro de Estudos da Guiné Portuguesa editou ainda o *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, do qual saíram 110 números entre 1946 e 1973 com uma regularidade trimestral. Tratava-se de uma publicação heterogénea onde se cruzavam artigos científicos e secções de informação oficial. Foram publicados numerosos estudos etnográficos, a maioria realizados por funcionários administrativos que viriam posteriormente a efetuar cursos superiores de administração

colonial no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina em Lisboa, privilegiando a investigação etnográfica nas teses que apresentaram. Note-se que entre as investigações etno-sociológicas publicadas no *Boletim* são poucas as colaborações estrangeiras e os autores se mantêm constantes ao longo dos 27 anos da publicação: Teixeira da Mota, António Carreira, Fernando Rogado Quintino, Augusto Santos Silva, Artur Martins de Meireles são nomes que se repetem em quase todos os números publicados. Autores e textos estão intimamente ligados à prática colonial, podendo-se seguir a evolução e profissionalização da administração colonial pelos percursos dos colaboradores do *Boletim*. Contudo, embora as atividades do Centro de Estudos da Guiné Portuguesa se inserissem num projeto de dominação ideológica e de controlo social e político do território ocupado, e não existissem estudos profissionais de Antropologia na Guiné como nas outras colónias portuguesas (excetuando-se o caso único da pesquisa liderada por Jorge Dias entre os Maconde de Moçambique), estes primeiros trabalhos etnográficos, dentro das suas limitações, continuam a ser uma referência para a Antropologia da Guiné.

Após a independência da Guiné-Bissau surgiram numerosos trabalhos de natureza etno-sociológica sobre as populações desse país, tanto de especialistas europeus, americanos e canadianos como de guineenses. Os principais fatores a salientar nos estudos realizados no período pós-colonial são a sua diversidade, o facto de serem as primeiras pesquisas realizadas por cientistas sociais (e já não por funcionários administrativos como no período anterior) e o vigor da antropologia da Guiné feita por guineenses. Podem-se distinguir essencialmente duas fases na produção sócio-antropológica na Guiné-Bissau, a que vai da independência à fundação do INEP em 1984 e a fase posterior. No primeiro período, e apesar da criação do INIC (Instituto Nacional de Investigação Científica) em 1977, os estudos sobre a Guiné-Bissau foram quase exclusivamente realizados por especialistas estrangeiros, publicados no quadro de projectos de cooperação ou missionários e divulgados em instituições estrangeiras. São de salientar o trabalho sobre

as sociedades rurais de Anne Marie Hochet, a longa pesquisa do Pe. Luigi Scantamburlo entre os Bijagós, e as teses de Stephanie Udang sobre questões de género (*Fighting two colonialisms*, 1979), de Joyce Bowman Hawkins sobre a expansão Fula (*Conflict, Interaction and Change in Guinea-Bissau*, 1980) e de Danielle Gallois-Duquette (*Dynamique de l'art bidjago*, 1983). Na década de 80 esta situação altera-se com o alastramento das pesquisas feitas por investigadores estrangeiros, o regresso de numerosos investigadores guineenses que realizaram a sua formação no estrangeiro e, sobretudo, com a criação do INEP que passou a agregar e dinamizar a investigação em ciências sociais, políticas e económicas sobre a Guiné-Bissau, através da organização de um arquivo e de uma biblioteca, do apoio a projectos de investigação e da divulgação da pesquisa em colóquios ou publicações próprias. A produção dos investigadores ligados ao INEP pode ser seguida através da revista *Soronda*, da qual foram publicados 25 números entre 1986 e 2002, onde a maioria dos artigos respeitam à Sociologia, Ciência Política e Antropologia, que correspondem às áreas de investigação privilegiadas no Instituto. A investigação em Antropologia na Guiné-Bissau neste período tem características comuns à pesquisa realizada no resto do continente africano: por um lado, assiste-se à aproximação de várias áreas disciplinares, nomeadamente da Antropologia, da Sociologia e da História, esta última através da realização de recolhas de tradições orais, cujas fronteiras são habitualmente difíceis de desenhar e irrelevantes para os investigadores; por outro lado, são privilegiadas as pesquisas sobre identidade étnica, poder tradicional e direitos fundiários, ou ainda os estudos sobre as questões de género ou os problemas nosológicos, temáticas abordadas pelos investigadores estrangeiros. Os investigadores guineenses possuem uma formação e orientação teórica heteróclita, e a unidade da sua pesquisa é sobretudo temática, privilegiando as análises políticas, monográficas e etno-históricas sobre a Guiné-Bissau. Dos trabalhos etno-sociológicos conduzidas por estes cientistas salientam-se os de Diana Lima Handem sobre etnografia colonial ou a organização política dos balanta (*Nature et Fonctionnement du pouvoir*

*chez les Balanta Brassa*, 1986), as análises sociológicas de Carlos Lopes e de Carlos Cardoso, bem como a investigação etno-histórica do primeiro sobre o antigo império do Kaabu (*Les Kaabunke. Structures politiques et mutations*, 1988) e a tese de Cardoso sobre movimento religioso sincrético do Yang-Yang; a investigação de Mamadu Jao sobre os mancanha e a de Raul Mendes Fernandes sobre os bijagós, e ainda, pela utilização que faz da história oral, a obra de referência sobre a história da Guiné colonial de Peter Karibe Mendy (*Colonialismo Português em África*, 1994). Este é igualmente um período de grande produtividade entre os investigadores estrangeiros, cujos trabalhos (à excepção das investigações sobre sistemas nosológicos) se caracterizam por serem conduzidos individualmente no quadro de projetos de doutoramento com uma vincada componente etnográfica. Distinguem-se nestas investigações as que se centram em registos monográficos (onde são de assinalar as teses de Christine Henry sobre os bijagós, *Les îles où dansent les enfants défunts*, 1994, de Eric Gable e Eve Crowley sobre os manjaco, de Jónina Einarisdóttir sobre os pepel e a investigação conduzida por Gérald Gaillard entre grupos beafada), os trabalhos de etno-história (salientando-se as pesquisas de Walter Hawthorne e Cornelia Giesing sobre os balanta), as investigações de antropologia da saúde e da doença (da pesquisa inicial de Van Binsbergen aos trabalhos recentes sobre a transmissão do HIV de Margareth Buckner e de Peter Aaby), além do estudo pioneiro sobre a sociedade crioula de Wilson Trajano Filho (*Polymorphic Creolehood*, 1998). É igualmente neste período que surgem as primeiras teses de doutoramento em Antropologia sobre a Guiné-Bissau realizadas em universidades portuguesas, correspondendo a um novo desenvolvimento da Antropologia neste país. Estas investigações compreendem os trabalhos de Eduardo Costa Dias sobre o sistema económico mandinga, de Clara Carvalho sobre a revitalização do poder tradicional entre os manjaco, de Maria Clara Saraiva que aborda os rituais fúnebres pepel, de Amélia Frazão Moreira em questões de etno-botânica nalú e de Maria Manuela Domingues sobre género e comércio urbano em Bissau. Por último refira-se que os movimentos

emigratórios guineenses, os quais se acentuaram ao longo do século XX conduzindo à formação de numerosas comunidades da diáspora, têm sido objecto de novas pesquisas etno-sociológicas, salientando-se os trabalhos de Moustapha Diop e Maria Teixeira sobre as comunidades manjaco em França e no Senegal respectivamente, e de Fernando Luís Machado e Celeste Quintino sobre a comunidade guineense em Portugal. A diversidade deste conjunto de investigações está patente na obra colectiva *Migrations anciennes et peuplement actuel des Basses-Côtes Guinéennes*, 2000, onde o editor Gérald Gaillard procurou reunir muitos dos antropólogos que, na complementariedade das suas pesquisas etnográficas, têm contribuído para um melhor conhecimento da realidade social, histórica e linguística Guiné-Bissau.

### **Bibliografia**

*Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, vol 1-28 (nº 1-110), Bissau, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa.

Cardoso, Carlos, 1996, “As Ciências Sociais na Guiné-Bissau” in *Guiné-Bissau. Vinte Anos de Independência*, coordenação de Carlos Cardoso e Johannes Augel, Bissau, INEP, pp. 45-66.

Gaillard, Gérald, 2000, “Brève évocation d’une histoire de la constitution du savoir ethnologique relatif à la Guinée Bissau” in *Migrations anciennes et peuplement actuel des Côtes guinéennes*, direcção de Gérald Gaillard, Paris, l’Harmattan, pp. 539-577.

Lima, Diana, 1981, *Situation et évaluation de l’anthropologie coloniale en Guinée-Bissau*, thèse de D.E.A, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris.

Trajano Filho, Wilson, 2002, “Soronda e a produção intelectual no INEP” in *Soronda*, nº 5 (nova série), pp. 143-172.



